

FERRO

A RIQUEZA E A MISÉRIA

ALBERTO ORTENBLAD

FERRO

A RIQUEZA E A MISÉRIA

Ilustrações de Walter Junior

Copyright © Alberto Ortenblad Filho

Capa e diagramação: Walter Junior

O77t Alberto Ortenblad

Ferro - A Riqueza e a Miséria/ Alberto Ortenblad. 1. ed -
São Paulo, SP: Clube de Autores Brasil, 2022.
-pp.; 21 cm

isbn: 978-65-00-52630-1

1. Mineração de ferro e paisagem mineira, 2. Regiões naturais do Brasil,
3. Montanhas brasileiras, 4. Narrativas poéticas, 5. Guerras coloniais,
6. Lendas do folclore, 7. O clima, 8. A terapia de Nise da Silveira,
9. As missões jesuíticas, 10. Ficção filosófica e fantástica

CDD 910

CDD B869

CAPA: Formações bandadas de ferro da hematita (Fonte: Dreamstime)

CONTRACAPA: Mina de cobre de Chuquicamata no Chile (Fonte – VisitChile.com)

Outros livros do autor: Travessia nos caminhos da natureza

Madrugada no rumo do sol

Moraina entre a rocha e o céu

Palmeira a árvore da vida

Arenito a rocha do Brasil

Mosaico em defesa da natureza

Granito do interior da terra à busca do céu

Cerrado a savana brasileira

Horizonte o limite do mundo

Calcário a rocha viva

Este livro pode ser adquirido no Clube de Autores e, entre outros, nos sites da Amazon, da Apple e da Americanas.

O autor escreve coluna no site Alta Montanha e artigos no jornal Mountain Voices.

Alguns dos nomes foram alterados para resguardar a identidade dos personagens.

O e-mail do autor é ortenblad@terra.com.br.

Ele foi meu amigo distante e presente. Só nos víamos a longos intervalos, mas de alguma forma ele sempre conseguia manter contato. Nos conhecemos numa excursão para uma caverna e nos revimos depois de tantos anos numa cantina italiana. Ele me acompanhava discretamente, como uma sombra delicada. Um dia, sua irmã me ligou, dizendo que ele havia nos deixado. Pensei que teria ido morar no exterior, perto de um dos vinhedos de que gostava tanto. Depois, entendi que sua viagem era outra e não mais o veria. Porém, mais ainda do que antigamente, parece que ele me observa do alto. A meu amigo Wilson de Souza.

Sumário

1. O Destino de uma Cidade.....	11
2. O Fantasma de um Pico	21
3. A Morte de um Sapo	31
4. O Último Sertão	41
5. Os Parecis.....	49
6. Vilas Fantasma	55
7. Ser e Devir	65
8. O Morro dos Três Picos.....	71
9. Os Três Picos	77
10. Cântico do Sol	83
11. Narrativa Nez Percé.....	87
12. As Guerras – dos Bárbaros aos Inconfidentes	91
13. Pedra Branca	97
14. Jaci	103
15. O Que é o Clima?	107
16. A Médica e os Loucos.....	119
17. Quantas Vezes	131
18. As Missões.....	135
19. Gong e Kuruzu.....	145
20. Pitoresco e Monumental.....	149

Não foi à toa que o deus criador soterrou os minérios, deixando acima do solo só nossos alimentos. Assim guardados pelo frio da serra e da chuva, os minérios não representam perigo. Mas se os brancos os arrancarem do solo, afugentarão o vento fresco da floresta e queimarão seus habitantes com epidemia. Nem as árvores, nem os rios, nem mesmo os espíritos poderão conter seu calor. Então, o sol descera enfurecido à terra, para devorar os humanos.

Depois, quando os brancos tiverem acabado de extrair todos os minérios, seu calor irá se dissipar e a terra se resfriará pouco a pouco, porque são eles que aquecem suas profundezas. Se os brancos começarem a arrancar o pai do metal das profundezas, logo só restarão pedras, cascalho e areia. Ele ficará cada vez mais frágil e acabaremos todos caindo para debaixo da terra. Muitos de nós serão lançados à escuridão do mundo subterrâneo e se afogarão nas águas de seu grande rio. Escavando tanto, os brancos vão acabar até arrancando as raízes do céu, que também são sustentadas pelo metal do deus criador. Então ele vai se romper novamente e seremos aniquilados até o último.

São essas as palavras de nossos grandes homens, que se tornaram xamãs muito antes de nós. Foi o que eles viram, tornados fantasmas durante o sono, e é o que relatam os cantos dos seus espíritos. Nossas palavras são muito antigas, surgidas no tempo do sonho, pelos habitantes das nascentes dos rios. Elas ficaram gravadas dentro de nós, por isso nossa memória é longa e forte. Ao contrário, o pensamento dos brancos é outro, enredado em palavras confusas e obscuras. Eles dormem sem sonhos e estão cheios de esquecimento.

Textos reunidos de Davi Kopenawa, xamã da tribo amazônica dos yanomami

Trabalhei uns doze anos naquela maquinaria, dava até medo quando a gente ia entrar, todo de ferro amarelo, monstro de pás e esteiras. Eu ficava manejando tudo, tudo mesmo na minha mão, pensou como uma máquina daquelas faz da gente um cara poderoso, ninguém podia me desafiar. No começo tive medo, depois me acostumei, eu e ela, amigões, entrava e gritava vamos comer morro, porque minha função era desbastar morros, nem sei quantos botei abaixo, acho que uma vez nivelei um estado inteiro, ali perto, conheceu? Amigo, que terraplanagem aquela, durou um ano, trezentas máquinas pondo abaixo montanhas de pedra, e enchendo cada vale que parecia buracão do inferno. Tirava pedra, terra, mato daqui, jogava lá embaixo, o morro descia, o buraco diminuía, até que tudo se igualava, ficava aquele campo lindo, de terra vermelha, ou então se era terra branca parecia uma praia sem fim.

O sonho (do meu chefe) era nivelar o Brasil inteiro, então, dizia ele, seria o país mais plano do mundo. (...) Não sei não, mas aquela companhia igualou muita terra por aí, se deixassem ela mudaria esse país. Me diga, diga mesmo, o senhor não acha que ia ser melhor para o Brasil?

Texto de *Não verás pais nenhum*, romance de Ignácio de Loyola Brandão

FERRO

1

O Destino de uma Cidade

*Chego à sacada e vejo a minha serra, Esta manhã acordo e não a encontro.
a serra de meu pai e meu avô, de todos Britada em bilhões de lascas deslizando
os Andrades que passaram e passarão, a em correia transportadora entupindo
serra que não passa. Era coisa dos índios 150 vagões no trem-monstro de 5
e a tomamos para enfeitar e presidir a locomotivas - o trem maior do mundo,
vida neste vale soturno onde a riqueza tomem nota - foge minha serra, vai
maior é sua vista e contemplá-la. deixando no meu corpo e na paisagem
miserio pó de ferro e este não passa.*

(...)

A Montanha Pulverizada

Carlos Drummond de Andrade

I

O minério de ferro é um sucesso no Brasil – jazidas de alto teor são extraídas a céu aberto e exportadas com lucro. E nossas províncias minerais contam com enormes reservas. Então, continuaremos a ser um dos felizes produtores por todo o futuro, criando riquezas e gerando divisas.

Afirmações erradas. Um buraco profundo de centenas de metros, decorado por patamares transitáveis por monstros metálicos parede adentro, é a mais semelhante imagem ao inferno que conheço. É até abstrato e impossível conceber toda essa massa de vida que desapareceu para que a enorme cava do minério pudesse nascer.

Mas nem pense que a agressão é simplesmente local. Foi preciso devastar a floresta para chegar até aqui. Nem escolher entre as árvores que agasalhavam ninhos. Aterrorizar os brejos, as lagoas e os ribeirões. Nem pensar naqueles movimentos desconexos de peixes e girinos na porta da vida. Arrasar os poucos e tímidos campos férteis. Nem enxergar pelo retrovisor os irmãos mamíferos agora pastando a sua inanição.



Repare no desenho delicado das linhas, no seu gentil paralelismo, no atlético mergulho até o fundo, na mansa convivência com a mata e o rio logo atrás.

A mineração é um triunfo, antes de ser um sucesso. Aquela excitação visionária enquanto a planta industrial é construída. As explicações sóbrias e técnicas quando algo dá errado, mortes e perdas. O aplauso midiático quando enfim surge a onda parda, vertendo minério da entranha da terra. Então aparece o mercado, para explicar a volatilidade dos preços, que causa euforia e depressão, desemprego e desesperança.

E a finitude, o crepúsculo da mina, a sua exaustão. Ou a sua incapacidade em ser competitiva, falha dela. Talvez devido a esse lunático xerife do meio ambiente, que criou custos e dificuldades. E ainda esse fantasma disforme da obsolescência, uma pena, a mina agora não serve mais.

Mas você pensou nas pessoas? Ignorantes, disponíveis, esperançosas, baratas. Venderam sua terra, adotaram o novo emprego, mudaram sua vida - terminaram sem casa, sem emprego, sem vida. Quanta gente ganhou: os empresários, seus técnicos e funcionários, os políticos, os diplomáticos e os eclesiásticos, os fornecedores, investidores e governadores.

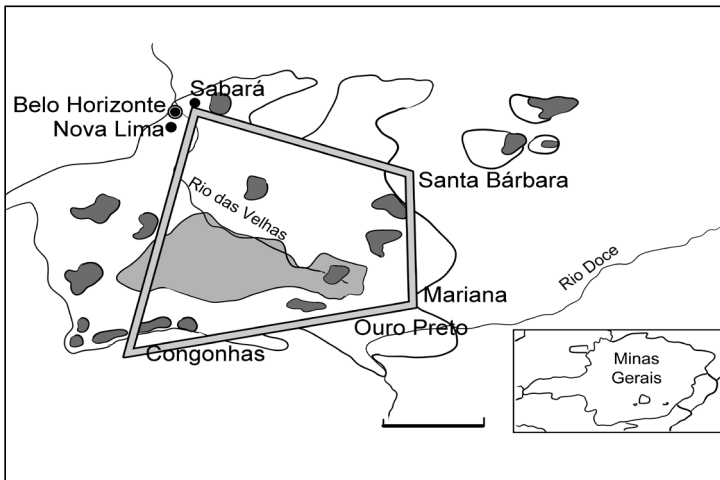
E você tem dúvida de que um dia tudo acaba? Enchem seu buraco agora estéril com um lago, sua superfície lisa e inocente, mas ele é tão fundo que até a morte ele destrói.

II

Minas Gerais é o mais mineral dos Estados brasileiros. A origem dos seus tantos minérios é orogênica, ou seja, resultante dos movimentos tectônicos da crosta terrestre. Eles criam dobras, falhas, fossas e serras, comumente acompanhadas por vulcões e terremotos – o que felizmente não foi o caso em Minas.

O tectonismo mineiro fez colidirem quatro blocos extremamente antigos, com idades de 3 a 4 bilhões de anos, durante o Proterozoico. Foi na longa duração deste período, de quase metade da existência da Terra, que os continentes se juntaram, o oxigênio se tornou abundante e surgiram as primeiras formas de vida – com capacidade de criar a fotossíntese e de legar o código genético.

A orogênese formou um grande bloco quartzítico que sobreviveu à erosão, tornando-se mais elevado do que a região à sua volta: o Quadrilátero Ferrífero de Minas. Compreende 7 mil km² distribuídos por cerca de 25 municípios, entre as bacias dos rios Doce e das Velhas. Foi fonte de enorme riqueza mineral – principalmente ouro e ferro, mas também manganês, estanho, bauxita e gemas preciosas.



Quadrilátero ferrífero de Minas.

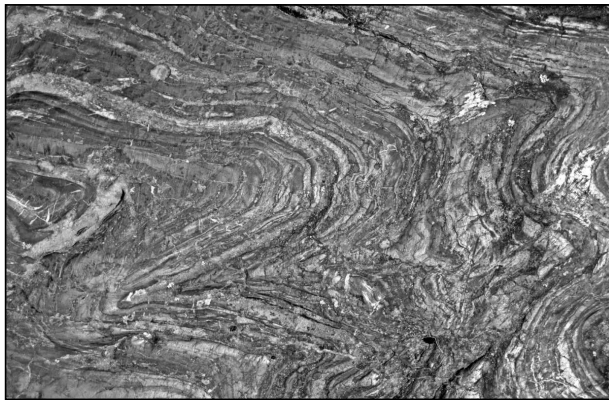
Diz-se que *o coração de ouro das Minas Gerais deve ser considerado bem maior do que o peito de ferro, pois suas ocorrências são regionalmente mais distribuídas do que o ferro*. E também de maior importância histórica, pois foi a descoberta do ouro que trouxe a colonização portuguesa para o interior do país e tornou a região do Quadrilátero a mais populosa do Estado.

III

Porém o ferro apresenta hoje maior importância econômica, pois o minério local do itabirito possui uma grande concentração de 50% em hematita, só inferior à de 60% do jaspilite de Carajás no Pará. Minerado com economia a céu aberto, abastece toda a siderurgia mundial. Este texto vai agora se debruçar sobre a mineração do ferro.

O nome local para o minério do Quadrilátero é itabirito, mundialmente chamado de formações de ferro bandadas (*BIF – banded iron formations*). Como é comum na geologia, o itabirito teve uma origem complexa, pois ele é ao mesmo tempo metamórfico e sedimentar.

Nesta região, depositou-se de forma estratificada em ambientes marinhos rasos há 2 bilhões de anos, sob a ação vulcano-química. Esses estratos é que são as bandas, facilmente reconhecíveis a olho nu, com camadas alternadas de óxido de ferro e, conforme o caso, sílica, quartzo ou xisto.



Exemplo de bandas ferrosas de idade neo-arqueana. O ferro aparece na cor cinza. Note como são deformáveis.